
O Movimento Mães de Maio no Facebook: quais assuntos interessam a essas mães ativistas?

Evelise Couto MORAES¹
Katarini Giroldo MIGUEL²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo buscar compreender de quais maneiras o Movimento Mães de Maio, formado em 2006, utiliza as redes sociais digitais para se mobilizar e, ainda, quais temáticas, além do movimento em si e dos Crimes de Maio são caros às ativistas ainda hoje. Para isso, analisamos o conteúdo da página do movimento no Facebook por meio da metodologia da Análise de Conteúdo Categorical. Durante esse exercício, foram mapeadas 148 postagens, publicadas entre abril e junho de 2022, que foram classificadas em categorias. Para esse artigo, focamos nas temáticas abordadas, das quais houve grande ocorrência do tema Violência, mas com destaque também para assuntos diversos e pautas factuais.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Mães de Maio; Redes Sociais; Movimento Sociais; Facebook; Análise de Conteúdo Categorical.

Dos crimes à mobilização: o nascer das Mães de Maio

O objetivo desta pesquisa é compreender de quais maneiras o Movimento Mães de Maio utiliza as redes sociais digitais e quais temas são abordados em suas publicações, em especial no Facebook, rede social utilizada pelas ativistas com frequência e constância desde 2012. Além disso, é importante destacar que o movimento se expandiu abraçando outros movimentos de mães ao redor do Brasil, em grande parte por causa do uso das redes sociais digitais, que podem ser importantes aliadas na busca de suas reivindicações, principalmente pelo fato de serem ferramentas acessíveis e de baixo custo, boas alternativas para movimentos cujas origens estão na periferia e cujos integrantes têm baixo poder aquisitivo. É necessário, no entanto, em um primeiro momento entender como se deu a formação do movimento.

Em maio de 2006, o Brasil encarou um dos períodos mais violentos de seu período democrático. Em um intervalo de quinze dias, mais de 500 pessoas, entre civis e

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da FAALC-UFMS, e-mail: evelise22@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: katarini.miguel@ufms.br

agentes públicos de segurança foram mortos ou dados como desaparecidos no estado de São Paulo, em uma série de eventos que ficou conhecida como Crimes de Maio.

A primeira ocorrência desses crimes foi no dia 12 de maio de 2006, quando a imprensa paulista noticiou que rebeliões em presídios, ataques a delegacias, bases e viaturas estavam em andamento por todo o estado de São Paulo. A edição online³ do jornal O Estado de S. Paulo dizia que se tratavam de ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC) a policiais, e a Folha de S. Paulo publicou na manhã seguinte⁴ que, além dos ataques, o PCC havia organizado também rebeliões a presídios e que pelo menos seis agentes do estado haviam sido mortos.

Os dois veículos afirmavam que as ações teriam sido uma retaliação motivada após o governo do estado de São Paulo ter decidido transferir 765 detentos ligados ao PCC, dentre eles o líder Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, para o presídio de segurança máxima de Presidente Venceslau, localizado a 620 quilômetros da capital paulista. As transferências, ocorridas às vésperas do Dia das Mães e a mudança de seus regimes para o Regime Disciplinar Diferenciado,⁵ no dia 13 de maio, eliminando a possibilidade de visitas, também teriam ajudado, segundo o relatório "Violência de Estado no Brasil: uma análise dos Crimes de Maio de 2006", realizado pelo Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF) e pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), a fortalecer as ações do PCC contra os agentes públicos.

Nos dias que se seguiram, o número de mortes nas ruas aumentou muito. O relatório produzido pelo Laboratório de Análise da Violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LAV- UERJ) e pela Conectas⁶, em 2008, levantou que 564 pessoas foram mortas ou dadas como desaparecidas entre os dias 12 e 21 de maio de 2006. Destes, 505 eram civis e 59, agentes públicos, evidenciando uma discrepância no número de execuções. A jornalista Laura Capriglione (2015, p.66) aponta que os civis

³ Disponível em <https://www.estadao.com.br/brasil/ataques-do-pcc-deixam-pelo-menos-tres-policiais-mortos-em-sp/>. Último acesso em 02/08/2023.

⁴ Disponível em <https://acervo.folha.uol.com.br/compartilhar.do?numero=16805&anchor=5240687&pd=a038d89a29c7c50fec269f94741ec900>. Último acesso em 01/08/2023.

⁵ Segundo o Código Penal, o Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), disposto no artigo 52 da LEP (Lei de Execução Penal) é uma forma especial de cumprimento da pena no regime fechado, que consiste na permanência do presidiário (provisório ou condenado) em cela individual, com limitações ao direito de visita e do direito de saída da cela.

⁶ A Conectas Direitos Humanos é uma organização não-governamental carioca que combate a violência policial desde 2001, ela encomendou um dos relatórios a respeito dos Crimes de Maio de 2006 ao LAV-UERJ.

havam sido "assassinados em supostos confrontos com a polícia, executados sumariamente por soldados da PM⁷ ou vitimados por grupos de encapuzados".

Para se ter uma ideia da letalidade⁸ dos Crimes de Maio, em duas semanas, eles vitimaram mais pessoas do que a ditadura militar ao longo de 21 anos (foram 434 pessoas mortas e desaparecidas). Apenas 6% das vítimas tinham antecedentes criminais e os mortos e desaparecidos tinham um perfil em comum: a maioria jovens, do sexo masculino, de baixa renda e não branca (CAAF-UNIFESP, 2019, p.71).

Uma dessas vítimas foi o gari Edson Rogério da Silva dos Santos, morador da Baixada Santista. Ele foi executado na noite do dia 16, após sair para trabalhar. A mãe, Débora Maria da Silva, soube do assassinato do filho pelo rádio, quando ouviu o apresentador do programa matinal ler os nomes dos executados na noite anterior. "Imagina uma Mãe receber a notícia da morte de seu filho pelo rádio!" (MÃES DE MAIO, 2011, p.25).

Com a morte de Rogério, Débora decidiu ir em busca de outras mães cujos filhos também tinham sido mortos durante os Crimes de Maio. Assim, reuniu-se a Ednalva Santos, mãe do balconista Marcos Rebello Filho, de 26 anos, que levou nove tiros à queima roupa, quando saía de uma lan house com os amigos, em Santos; e depois a Vera Lúcia Freitas, mãe de Mateus Andrade de Freitas, que foi morto quando estava em uma pizzaria com os amigos. Elas se juntaram depois a Vera Lúcia dos Santos, mãe de Ana Paula, que estava grávida e havia marcado o parto de sua filha para o dia 16 de maio de 2016. Ela foi morta um dia antes, aos 20 anos, ao lado do marido, a caminho do mercado na vizinhança (ALMEIDA, 2021). Ana Paula foi executada com cinco tiros, um deles na barriga.

Juntas, elas foram a origem do movimento social Mães de Maio. Suas primeiras ações foram visitas a delegacias da Baixada Santista, ao Ministério Público Estadual de São Paulo e em busca de autoridades procurando respostas sobre a morte de seus filhos.

"Ninguém queria saber da nossa dor: delegacias, Ministério Público, vereadores... Ninguém. Corríamos de um lado para o outro atrás de explicações: nossos filhos eram trabalhadores e estudantes. Eu sabia que a polícia tinha matado eles, alguém tinha que nos ajudar. Assim pensávamos, mas foi puro engano. As

⁷ Polícia Militar, no caso, do Estado de São Paulo.

⁸ Segundo dados do site A Ponte. Disponível em <https://ponte.org/crimes-de-maio-de-2006-o-massacre-que-o-brasil-ignora/>. Último acesso em 01/03/2023.

autoridades falavam que quem tinha matado nossos filhos foi o PCC. (MÃES DE MAIO, 2011, p.25)

Sem resultados, elas decidiram ir à capital do estado. A primeira parada foi na Ouvidoria de Polícia de São Paulo onde foram aconselhadas a visitarem o Condepe (Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo) e que procurassem pela jornalista Rose Nogueira⁹, presidente do órgão naquela ocasião. (ALMEIDA, 2021). Durante a visita, que aconteceu pouco mais de um ano após as execuções, elas receberam de Rose o livro Crimes de Maio, o primeiro relatório publicado sobre os eventos. A jornalista ainda perguntou a Débora se ela conhecia a atuação das Madres de La Plaza de Mayo. Diante da negativa da dona de casa, ela explicou se tratar de um grupo de mães que lutavam por seus filhos desaparecidos durante a ditadura militar na Argentina e aconselhou: "se a senhora não lutar e não se organizar, e não juntar as outras mães, não vai acontecer nada". Foi a partir desse encontro, segundo Débora, que a busca por justiça por ela e pelas outras mães se consolidou. (NÃO SAIA HOJE, 2016).

A primeira manifestação pública do movimento foi no aniversário de um ano dos Crimes de Maio, em uma missa em homenagem aos mortos na Paróquia Santa Margarida Maria, em Santos. Na ocasião, as mães distribuíram 365 botões de rosas vermelhas que simbolizavam sua revolta e indignação diante da falta de respostas do Estado sobre as mortes. De lá caminharam empunhando cartazes com pedidos de justiça e homenagens até o Cemitério da Água Branca, onde parte das vítimas estava enterrada (HONORATO, 2007).

Em 17 anos de atuação, as Mães de Maio se engajaram em centenas de manifestações públicas. Dentre suas reivindicações, a primeira e a mais central é "a luta pela verdade, pela memória e pela justiça para todas as vítimas da violência, denunciando especialmente a violência contra os pobres, os negros e os habitantes das periferias" (MÃES DE MAIO, 2011, p.20), e, ainda, o de buscar a verdade sobre os Crimes de Maio, uma vez que elas afirmam que a versão oficial do massacre, divulgada principalmente pela imprensa como "Ataques do PCC" não corresponde à realidade. As

⁹ Rose Nogueira foi presa e torturada, em 1969, pelo regime ditatorial militar no Brasil. Ela integra desde 2000 o Grupo Tortura Nunca Mais de São Paulo. Enquanto esteve no Condepe, publicou o livro Crimes de Maio e foi uma das colaboradoras da Comissão Nacional da Verdade.

Mães denunciam o Estado como o principal agente da violência, responsabilizando as forças de segurança do estado de São Paulo pelo assassinato de centenas de inocentes (CAAF-UNIFESP, 2019, p. 85).

Elas protestam ainda contra a continuidade da violência como um dos legados da Ditadura Militar e destacam que a estrutura da segurança pública implementada após o Golpe de 1964 continua a mesma, inclusive com a impunidade dos agentes públicos.

Outro ponto de atenção para o movimento é o peso dessas mortes para as famílias das vítimas. A busca por ajuda psicológica às mães e familiares sempre foi uma grande preocupação, tanto que em 2012, em uma carta enviada à então presidente Dilma Rousseff, alguns dos encaminhamentos emergenciais propostos pelo movimento eram a criação de uma política nacional voltada ao amparo, à proteção, à assistência psicossocial, à reparação material e psíquica dessas famílias, além da indenização aos familiares diretos, que haviam sido vítimas colaterais e conexas da violência de estado (MÃES DE MAIO, 2018, p. 124).

O movimento luta desde 2009 também pelo desarquivamento e deslocamento de competência das investigações para a esfera federal, "em razão da falta de uma investigação séria por parte das autoridades do estado de São Paulo e do reconhecimento da responsabilidade do Estado"(CAAF-UNIFESP, 2019, p. 86). Apenas em agosto de 2022, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) aprovou essa federalização.

Hoje, quase duas décadas depois dos Crimes de Maio, as Mães de Maio perseveram em uma luta ainda sem vitórias e sem a justiça que tanto esperam. Para que a luta não se enfraqueça, o grupo atua dentro de uma dinâmica de amparo mútuo entre seus integrantes, que se incentivam para seguirem no propósito, sem esmorecer perante a falta de respostas, durante as peregrinações em repartições públicas, pela vivência de ausências e violências muito duras diariamente e, sem ajuda de nenhuma instituição, apenas da rede de apoio que o próprio movimento constitui (SILVA; DARA, 2015, p.98). Além disso, essas ativistas passam a "pensar formas alternativas e autônomas de organização e de resolução de conflitos", o que é possível também pela integração das Mães de Maio a uma "rede silenciosa de companheiros e companheiras, de coletivos e movimentos parceiros, com os mais diversos perfis, que fazem a contenção e garantem a

retaguarda para que nós, mães e familiares, fiquemos na linha de frente" ou, como Débora costuma dizer "no olho do furacão". (SILVA; DARA, 2015, p.98)

Foi a partir da dor e do luto gerados pela perda de filhos, familiares e amigos que nos encontramos, nos reunimos e passamos a caminhar juntas – com nosso exército libertador de filhos e filhas – e de forma independente: do luto à luta. (SILVA; DARA, 2015, p.96)

De 2006 aos dias de hoje, as Mães de Maio se utilizaram não só das ruas, mas também de diversos outros meios para levar à sociedade suas reivindicações. Publicaram livros, participaram de documentários, divulgaram cartas abertas, foram entrevistadas em podcasts e convidadas a palestrar em diversos países.

Redes sociais e espaços de luta

O uso da Internet por movimentos sociais como as Mães de Maio encontra respaldo no fato de que "embora os movimentos tenham em geral sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da internet." (CASTELLS, 2013, p. 160). Ela possibilita uma comunicação ágil, de baixo custo e que assume o papel de principal ferramenta para a articulação e comunicação dos movimentos sociais, da sociedade civil e de grupos de indivíduos, colocando-os em rede. (MACHADO, 2007, p. 268). É interessante ainda destacarmos que as Mães de Maio são um movimento com origem da periferia e com integrantes de baixo poder aquisitivo e, graças ao seu alcance e baixo custo, a Internet passa a ser um grande aliado na busca das reivindicações de suas ativistas.

Quando as Mães de Maio surgiram, em 2006, no Brasil, apenas 14,5% dos domicílios tinham acesso à Internet, mas já nessa época uma plataforma digital despontava como destaque no país, o Orkut. Neste mesmo ano, ele foi declarado como a segunda maior rede social do mundo e a cada dez usuários, sete eram brasileiros. O Brasil tinha 14 milhões de internautas e 11 milhões deles (79%) estavam no Orkut¹⁰.

Essa, aliás, foi a primeira rede social utilizada pelas Mães de Maio e o marco zero do uso da Comunicação Mediada por Computador (CMC) pelo movimento.

¹⁰ O Orkut foi descontinuado em 2014, sendo assim, não há dados do uso da plataforma pelo Movimento Mães de Maio.

Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador (...) Elas conectam não apenas computadores, mas pessoas. (RECUERO, 2010, p.17)

A CMC provoca mudanças no modo como as interações e comunicações ocorrem entre os indivíduos dentro de um contexto social, fomentando a convergência e a divergência de diferentes grupos dentro de uma rede social e proporcionando um espaço de expressão livre para suas opiniões e anseios. Essas redes podem ser chamadas de redes sociais virtuais ou digitais e é por meio delas que a interação simultânea ou assíncrona entre indivíduos distintos se torna viável, uma vez que supera as barreiras geográficas, temporais e linguísticas que antes representavam obstáculos significativos no processo comunicativo (BERTO, GONÇALVES, 2011).

Em 2009, 21,5% dos domicílios brasileiros tinham acesso à Internet e 41,7% dos brasileiros afirmavam já terem tido acesso ao serviço. Foi nesse cenário que as Mães de Maio passaram a utilizar outra rede social, o blog, por meio da plataforma Blogger. Ele era utilizado pelas Mães, sobretudo, como um espaço para postagem de chamamentos para protestos e eventos dos quais elas faziam parte, tanto na Baixada Santista, como na capital paulista. Segundo dados do Google¹¹, em 2009, o Brasil era o segundo maior utilizador do Blogger (plataforma online de publicações) no mundo. O blog do movimento ainda está online, mas não mais ativo. Ele foi utilizado pelas ativistas entre 2009 e 2014 e foram publicados ao todo 210 posts, com maior concentração em 2010 (88 posts) e 2011 (77 posts).

Em 2012, as Mães de Maio ingressaram no Facebook, rede que estava em ascensão no período, principalmente com o novo recurso das fanpages. Em janeiro deste ano, pouco mais de 35 milhões de brasileiros utilizavam a rede social, mas no final do ano, em 31 de dezembro, esse número chegou a quase 65 milhões de usuários¹².

Por meio dele, o movimento passou a utilizar um mix variado de publicações em uma única plataforma, compartilhando textos, notícias, imagens, comunicados, cobertura de eventos e, mais do que performarem apenas como autoras de conteúdo, as

¹¹ Dados disponíveis em <https://googlediscovery.com/2009/06/24/brasil-e-o-segundo-maior-utilizador-do-blogger/>. Último acesso em 03/08/2023.

¹² Dados disponíveis em <https://www.tecmundo.com.br/facebook/35709-brasil-foi-o-pais-com-maior-numero-de-novos-usuarios-do-facebook-em-2012.htm> / Último acesso em 14/08/2023.

ativistas passaram a receber o feedback de outros usuários, por meio das curtidas e dos comentários. Além disso, suas publicações podiam ser compartilhadas por outras pessoas, fazendo com que o conteúdo chegasse a cada vez mais indivíduos, uma vez que "o Facebook viabiliza uma forma de interação social complexa, na qual diferentes signos relacionam-se para compor a mensagem" (BERTO, GONÇALVES, 2011).

Hoje, a página do Movimento Mães de Maio soma mais de 120 mil seguidores¹³ e, além da fanpage, há ainda um grupo privado no Facebook¹⁴, com 2,7 mil membros, criado em 27 de fevereiro de 2012. Ambos estão ativos até hoje.

Em 2018, o movimento passou a utilizar o Instagram como mais uma plataforma de compartilhamento de conteúdo. Hoje, são 7620 seguidores¹⁵ e desde então foram publicados 239 posts. No mesmo ano, elas também passaram a usar o Twitter, onde têm 711 seguidores. Elas continuam ativas em ambas as redes, mas se utilizam delas com pouca frequência.

A rede mais utilizada pelas Mães de Maio, com maior engajamento e constância nas postagens é o Facebook. Isso pode ser explicado por conta das múltiplas semioses que esta rede apresenta, trazendo ao mesmo tempo plataformas conversacionais por onde os usuários podem interagir e concentrando em si diversos recursos comunicacionais como a postagem de fotos, a publicação de textos e informações escritas de maneiras diversas e o compartilhamento de mídias como sons e vídeos, por exemplo (BERTO, GONÇALVES, 2011).

Por conta da robustez da fanpage do movimento que, ainda hoje, é o principal meio de comunicação dessas mães, nos debruçaremos sobre ela neste artigo a fim de analisar quais temáticas são caras ao movimento.

Sobre o que falam as Mães de Maio

¹³ Dados coletados no dia 23 de junho de 2023, disponíveis em <https://www.facebook.com/maes.demaio>. Último acesso em 10/08/23.

¹⁴ Dados coletados no dia 23 de junho de 2023, disponíveis em <https://www.facebook.com/groups/maesdemaio>. Último acesso em 10/08/23.

¹⁵ Dados coletados no dia 23 de junho de 2023, disponíveis em <https://www.instagram.com/movimentomaesdemaio>. Último acesso em 10/08/23.

O objetivo desta pesquisa é compreender de quais maneiras o Movimento Mães de Maio utiliza as redes sociais e sobre quais temas elas abordam, em especial no Facebook, por meio da fanpage oficial do movimento. Para isso, a metodologia escolhida foi a Análise de Conteúdo Categorical, na qual é necessário definir a unidade de análise e de possíveis subunidades de análise (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 52).

Assim, a ideia foi focar inicialmente nas unidades que compõem essa rede social, ou seja, as suas postagens e, a partir delas, realizar uma subdivisão em categorias como data, tipo de post, tipo de conteúdo, tipo de autoria, números de curtidas, compartilhamentos e comentários, hashtags utilizadas e temáticas.

Como recorte temporal, foram coletadas as postagens realizadas nos meses de abril, maio e junho de 2022. A escolha foi motivada por três pontos: a) em abril, as Mães participam de um evento tradicional de seu calendário, o Cordão da Mentira; b) maio, por ser o mês em que aconteceram os crimes que motivaram o movimento, além de ser Dia das Mães e, c) junho, por ser um mês sem eventos pontuais, para base de comparação.

Cada post foi classificado e organizado em uma tabela respondendo as seguintes classificações: data, assunto, tipo de post (só foto, só texto, só vídeo, foto com texto, vídeo com texto, notícia), tipo de conteúdo (post ou repost), tipo de autoria (própria ou não), números de curtidas, compartilhamentos e comentários, e utilização ou não de hashtags. Neste intervalo foi levantado um total de 148 posts, sendo 60 em abril, 32 em maio e 56 em junho. Foi necessário ainda estabelecer dois critérios de exclusão, assim não consideramos e nem constam da contagem posts como trocas de avatar, trocas de capa e imagens aleatórias, sem vínculos a alguma temática. Sendo assim, ficamos com um universo de 131 posts.

Uma vez que, para este artigo a ideia é entender quais temas são caros ao Movimento e se, ainda hoje, as ativistas se atêm a temas relacionados aos Crimes de Maio ou se abriram seu leque de temáticas e reivindicações e como fazem isso, foi necessário adicionar mais uma categoria à análise: a de temas. Levantamos então que os posts publicados traziam as seguintes temáticas: Violência (e suas subdivisões violência policial, violência racial, violência de gênero e violência contra a criança), Cultura, Protestos, Causa indígena, Política, Notícias locais (da Baixada Santista), Meio

ambiente, Debate Racial, Infanticídio, Pauta feminista, Política sobre drogas, Educação, Saúde, Religião, Causa LGBTQIA+, Governo Brasileiro, Sistema penitenciário, Femicídio, Machismo, Maternidade, Fake News, Trabalho, Abandono parental, Economia, Eventos, Mães de Maio (em postagens referentes ao próprio movimento ou de cunho institucional) e Crimes de Maio.

No gráfico abaixo, é possível conferir quantas vezes cada um dos temas foi tratado durante o período analisado, lembrando que uma mesma postagem pode conter mais de um tema.

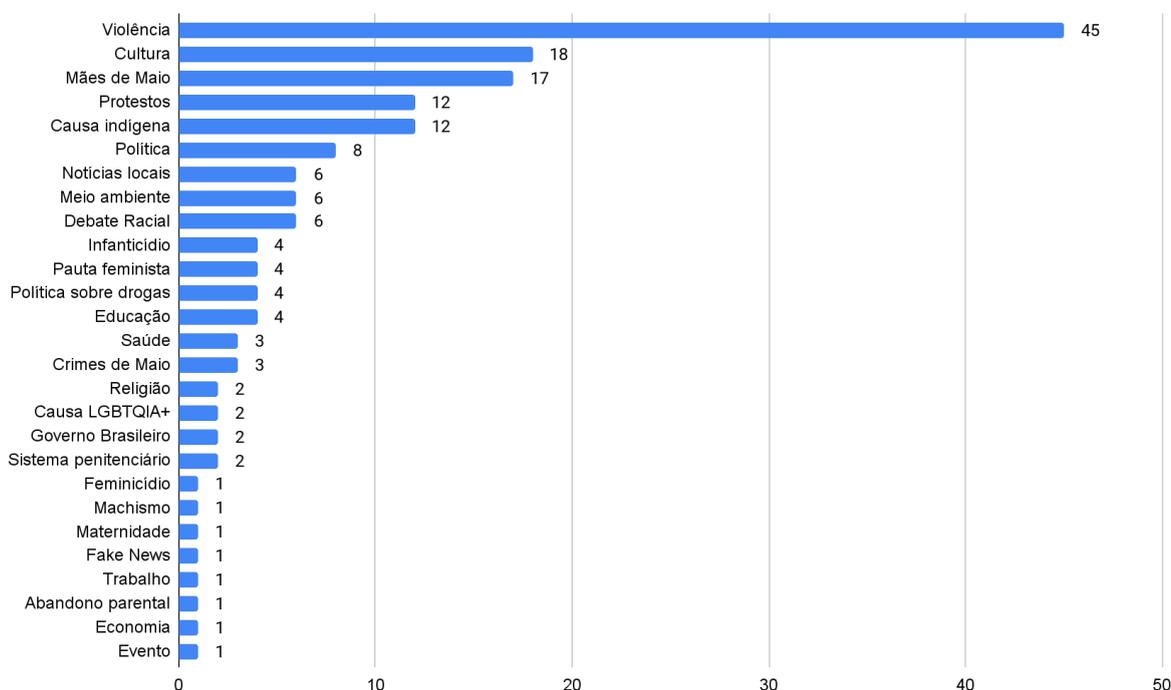


Figura 1: Levantamento de temas tratados durante o período entre abril e junho de 2022 na fanpage Mães de Maio (Fonte: produção da autora, julho de 2022)

A temática que mais se destaca é a Violência, que aparece em 45 posts e dentro desse tema cabe destacar que a subdivisão com o maior número de inserções foi a Violência Policial, com 26 posts; seguido da Violência Racial, com nove posts; da Violência de Gênero, com sete posts; Violência Contra a Criança, com três posts. O fato de que esse tema seja o mais frequente nas postagens reforça o tom de denúncia que guia o movimento Mães de Maio. A violência sofrida por seus filhos, acaba por reverberar em outros tipos de violência, sobretudo, causadas a minorias, como nos casos

dessas postagens em uma espécie de reação e denúncia contra a necropolítica e do estado que tenta ditar quais corpos merecem continuar vivos e quais não, sobretudo a partir da "percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança" (MBEMBE, 2018, p.19).

Em segundo lugar está o tema Cultura com 18 posts contendo indicações de filmes, peças teatrais e leituras. Logo em seguida, vem o tema Mães de Maio (de forma autorreferencial e institucional), que desponta na análise por dois motivos: a realização do evento Cordão da Mentira e a ocasião do aniversário dos crimes de 2006. Além disso, se faz importante a efeméride do Dia das Mães, que ganha destaque durante o período analisado.

Destacamos, ainda, que há diversidade de temas como abandono parental, religião, política a respeito de drogas, discussões sobre o sistema penitenciário, educação, dentre outros. Além disso, a curadoria dos posts parece ser, sobretudo, baseada no factual. Durante o período analisado, por exemplo, as mortes do jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira foram destaque na imprensa brasileira e também ganharam espaço na fanpage do Movimento Mães de Maio, com seis aparições. O espancamento de uma procuradora em São Paulo pelo colega de trabalho Demétrius Oliveira Macedo, o caso do menino Miguel que morreu ao cair de um prédio de luxo em Recife e o Caso Genivaldo, no qual agentes da Polícia Rodoviária Federal levaram um cidadão à morte durante uma abordagem de extrema violência também foram temas que mobilizaram as redes das Mães de Maio no período. Todas acabam convergindo no tema que mais se destaca na análise: a violência.

Outro ponto que vale ser observado é que elas não se prendem apenas às notícias brasileiras em seus posts. Das 131 postagens analisadas, 16 traziam notícias ou acontecimentos situados em países da América Latina, com destaque para as eleições colombianas, que ganharam viés de comemoração nas postagens da fanpage. A explicação pode vir do que as próprias Mães de Maio dizem a respeito de sua atuação: "nossa luta é Sem-Fronteiras, é Faveleira, é Quilombista, é Internacional". (MÃES DE MAIO, 2018, p.15).

Considerações finais

As Mães de Maio continuam em busca de respostas pelos crimes que levaram as vidas de seus filhos. Em suas redes sociais, elas ainda estão ativas e constantes. Além da fanpage oficial, a fundadora Débora Maria da Silva posta também em seu perfil pessoal no Instagram sobre os mais diversos temas, todos com alguns pontos em comum: a indignação com a violência, a busca por justiça e a repulsa ao que ela chama de "novo fascismo." Ao nos perguntarmos o que move essa constância no uso das redes, a resposta pode estar no que as próprias ativistas afirmam:

Nós seguiremos batendo de frente, na humilde mas de forma firme e intransigente, contra toda forma de Racismo, de Machismo, de Sexismo, de Nacionalismo ou de Xenofobia alastrada nesses tempos de facetrucque, de faceódios, de vigilância e punitivismos generalizados por todas as faces desse novo Fascismo. (MÃES DE MAIO, 2018, p. 15)

É importante destacar também que o movimento continua a atrair em suas redes sociais pessoas dos mais diversos perfis que se solidarizam com a causa. Esse fenômeno evidencia que movimentos sociais como as Mães de Maio podem transcender fronteiras geográficas, tornando-se tanto locais quanto globais, graças à capacidade das ações coletivas contemporâneas de compartilhar suas demandas, preocupações, desafios e realizações em plataformas de redes sociais digitais. Débora lembra que o movimento nunca deixará de crescer: "cada vez haverá mais e mais Mães Guerreiras unidas e com disposição para enfrentar o Luto e organizar a Luta pela Libertação dos nossos Filhos e Filhas, de Nós mesmas". (MÃES DE MAIO, 2018, p.15)

Este artigo faz parte de uma pesquisa ainda mais ampla, de dissertação, que trata não apenas das temáticas, mas também das estratégias comunicacionais do movimento. Analisar esses pontos pode ajudar a elucidar como e se as ferramentas digitais podem ser fundamentais para o crescimento da atuação de movimentos sociais como as Mães de Maio e ainda nos trazer uma rica contribuição sobre sua capacidade de transformação, inserção nas mídias e atualização dos debates, ainda que essas ativistas não sejam profissionais de comunicação ou tenham uma equipe específica para esse fim. Sendo assim, esperamos continuar com as pesquisas para trazer resultados mais amplos sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

APÓS transferências, PCC faz rebeliões e ataques e mata pelo menos seis. **Folha de São Paulo**, São Paulo, impresso, 12 maio 2006. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/compartilhar.do?numero=16805&anchor=5240687&pd=a038d89a29c7c50fec269f94741ec900>. Acesso em: 02 ago 2023.

ALMEIDA, Matheus de Araújo. **Do luto à luta: o Movimento Mães de Maio da Baixada Santista de São Paulo**. 2021. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/SBD). São Paulo.

ATAQUES do PCC deixam pelo menos três policiais mortos em SP. **Estadão**, São Paulo, on-line, 12 de maio de 2006. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/ataques-do-pcc-deixam-pelo-menos-tres-policiais-mortos-em-sp/>. Acesso em: 02 de agosto de 2023.

BERTO, M.; GONÇALVES, E. **Diálogos on-line: intersemioses do gênero Facebook**. Ciberlegenda, n. 25, p.100-110. Rio de Janeiro, UFF, 2011.

NIC.BR anuncia resultados da pesquisa sobre o uso da internet no Brasil. **Cetic.Br**, 09 nov 2006. Disponível em: <https://www.cetic.br/noticia/nic-br-anuncia-resultados-da-pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-no-brasil/>. Acesso em: 08 ago 2023.

CAAF-UNIFESP. **Violência de Estado no Brasil: uma análise dos Crimes de Maio de 2006 na perspectiva da antropologia forense e da justiça de transição**. Relatório Final. São Paulo, 2019.

CANO, I.; ALVADIA, A. (coord.). **Análise dos Impactos dos Ataques do PCC em São Paulo em Maio de 2006**. Rio de Janeiro: LAV-UERJ; São Paulo: CONECTAS, 2008.

CAPRIGLIONE, L. **Os mecanismos midiáticos que livram a cara dos crimes das polícias militares no Brasil**. In: KUCINSKI, Bernardo et al. Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. São Paulo: Boitempo, 2015.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança - Movimentos sociais na era da Internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FRAGA, R. Brasil é o segundo maior utilizador do Blogger. **Google Discovery**. 24 junho 2009. Disponível em: <https://googlediscovery.com/2009/06/24/brasil-e-o-segundo-maior-utilizador-do-blogger/> Acesso em: 03 ago 2023.

HONORATO, F. **Manifestação relembra vítimas**. A Tribuna. 15 maio 2007. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/153931_05/144375. Acesso em: 03 março 2023.

MACHADO, J.A.S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Sociologias, v. 18, p. 248-285. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MÃES DE MAIO. **Do luto à luta: Mães de Maio**. São Paulo: Nós por nós, 2011.

MÃES DE MAIO. **Salve Mães de Maio**. São Paulo: Nós por nós, 2018.

MÃES DE MAIO. **Memorial dos Nossos Filhos Vivos**. São Paulo: Nós por nós, 2019.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

NÃO SAIA HOJE. **Documentário**. Direção: Susanna Lira. [S. l.]: Modo Operante Produções, 2016. vídeo (53 min).

NOGUEIRA, Rose (org.). **Crimes de Maio**. São Paulo: CONDEPE, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2010.

RELEMBRE a trajetória do Orkut, que está no corredor da morte. **Tracto**, on-line, 04 ago 2014. Disponível em: <https://www.tracto.com.br/relembre-a-trajetoria-do-orkut-que-esta-no-corredor-da-morte/>. Acesso em: 02 de agosto de 2023.

SAMPAIO, R. C. e LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial: Manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SILVA, D.M. da; DARA, D. **Mães e familiares de vítimas do Estado: a luta autônoma de quem sente na pele a violência policial**. In: KUCINSKI, B. et al. *Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação*. São Paulo: Boitempo, 2015.